

LITERATURA, CINEMA E DIFERENTES MATERIALIDADES: O DISCURSO DE AMOR E A CONDIÇÃO DA MULHER NO SÉCULO XIX EM *ORGULHO E PRECONCEITO*

LITERATURE, CINEMA AND DIFFERENT MATERIALITIES: THE CONDITION OF WOMEN IN THE 19TH CENTURY IN *PRIDE AND PREJUDICE*

238

Flaviane Fagundes dos Santos
Acadêmica do curso de Letras pela Universidade Estadual de Goiás, UEG.
flaviane.fagundes66@gmail.com

Glória Lima dos Santos
Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás, UEG.
glorylimsanto039@gmail.com

Fernanda Surubi Fernandes
Doutora em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT.
fernadasurubi@gmail.com

Resumo: O artigo objetiva analisar, a partir do estudo da Análise de Discurso, o papel da mulher no século XIX e o discurso de amor na obra *Orgulho e preconceito*, tomando como recorte o discurso de amor presente na obra literária e na cinematográfica, abordando a relação entre cinema e literatura. Nesse sentido, essa comparação ocorre na apresentação das diferentes adaptações e da análise da declaração de Sr. Darcy a Sra. Elizabeth Bennet regida por um discurso moralista e patriarcal, que condiciona e determina o lugar da mulher na sociedade impondo-lhe regras e limitações através de um discurso patriarcal, conservador e varonil, para isso, este estudo se fundamenta em teóricos como Foucault (1999), Orlandi (1990), Perrot (2007), Milanez e Bittencourt (2012), entres outros.

Palavras-chave: Discurso. Adaptações. Jane Austen. Declaração.

Abstract: The article aims to analyze, from the study of Discourse Analysis, the role of women in the nineteenth century and the discourse of love in the work *Pride and Prejudice*, taking as an outline the discourse of love present in literary and cinematographic work, addressing the relationship between cinema and literature. In this sense, this comparison occurs in the presentation of the different adaptations and the analysis of the statement by Mr. Darcy to Mrs. Elizabeth Bennett, governed by a moralistic and patriarchal discourse, which conditions and determines the place of women in society, imposing rules and limitations on them through from a patriarchal, conservative and manly discourse, for this, this study is based on theorists such as Foucault (1999), Orlandi (1990), Perrot (2007), Milanez and Bittencourt (2012), among others.

Keywords: Discourse. Adaptations. Jane Austen. Declaration.

Introdução

A literatura humaniza e amplia a realidade social promovendo uma aproximação de tempo e espaço do sujeito com o seu contexto histórico, possibilitando-o inserir-se e criar novos vínculos e alicerces, através de novas experiências literárias.

A literatura, desse modo, surge como um fenômeno ideológico social que promove um encontro de gerações, apresentando fatos, marcos e evidências que refletem nas ações dos indivíduos dependendo do período que eles se encontram, ou seja, existe um elo que medeiam passado, presente e futuro, no qual, a literatura atua como mediadora permitindo, a partir de suas formulações, que sujeitos e sentidos (re)signifiquem na relação entre o mesmo e o diferente, entre a memória e atualidade. E isso pode se relacionar com outras de formas de arte, como o cinema, que há muito tempo tem trazido para as telas adaptações/versões de obras clássicas da literatura.

Nesse estudo, por exemplo, trabalha-se com a obra *Orgulho e preconceito* de Jane Austen, somente essa obra possui inúmeras versões em adaptações cinematográficas, como ver-se-á mais adiante.

A partir dessa diversidade, o artigo tem como tenção depreender sobre o papel da mulher no século XIX e como este é significado na obra literária e cinematográfica de *Orgulho e preconceito* (2005) focando na relação entre os personagens Darcy e Elizabeth.

Nessa perspectiva, o estudo ocorrerá com base na Análise de Discurso (doravante AD), para compreender como os sentidos sobre o amor materializam em formas distintas entre o filme e o livro, para isso, recortaremos, para efeito de análise, a declaração de Sr. Darcy à protagonista, a Sra. Elizabeth Bennet. A análise teve, desse modo, como embasamento teóricos Foucault (1999), Orlandi (1990), Milanez e Bittencourt (2012), Perrot (2007), entre outros.

Sujeito e discurso: as mulheres no século XIX

Para os estudos discursivos, as condições de produção são uma parte relevante para compreender os processos de significação, observado nos efeitos produzidos, pois, “[o] discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o seu social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto.” (ORLANDI, 2007, p. 22), ou seja, para a AD o sujeito é interpelado pela ideologia, pela língua, pelo social e pelo contexto histórico que produziram o efeito de sentido, a partir da formação discursiva, designando sua posição-sujeito em diferentes condições de produção numa relação com a história.

Sendo assim, o sentido se constitui na inserção do sujeito na história e, é através dessas funções de sentido que se definem a formação ideológica do sujeito, obtida por meio do discurso, do interdiscurso e das condições de produção, do efeito de sentido, em que, o sujeito pode se corporificar para compreender o discurso e suas leis.

Assim, compreender os processos sociais e históricos sobre a mulher permitem analisar como a condição feminina é significada em *Orgulho e preconceito*.

As mulheres historicamente foram apresentadas como o sexo inferior e marginalizadas, nomeadas como uma irregularidade, faltando até mesmo a sua voz na história, para poder ser significada de outras formas, pois há um silêncio das mulheres na história que produz efeitos até hoje, sendo, portanto, significada pela voz do outro/do homem. Bem, como afirma Michelle Perrot:

Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é freqüentemente apagada, seus vestígios, defeitos, seus arquivos destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios. (PERROT, 2007, p. 21).

No decorrer da história a representação da mulher se dá por meio da literatura e pela historiografia, em que as produções são representadas por classes dominantes. Perrot (2003, p. 15) afirma que: “A conveniência ordena às mulheres da boa sociedade que sejam discretas, que dissimulem suas formas com códigos, aliás variáveis segundo o lugar e o tempo.”

Compreender o papel da mulher em toda história é relacionar todo ser humano, pois, tudo está interligado e associado às normas e condutas de uma cultura

patriarcal, em que as mulheres do século XIX eram tidas como inferiores e o casamento visto como um negócio.

Desse modo, os discursos produzidos pela sociedade do século XIX determinavam o papel da mulher como “serviçal”, ou seja, servir aos interesses do homem e serem bem-vistas socialmente, fazendo assim, com que o casamento seja uma idealização, porém há nesta idealização um discurso sexista que evidencia poder e opressão sobre as mulheres, sobre o corpo das mulheres.

Freire afirma, portanto, que:

Em outras perspectivas, temos o feminino, figura que fora construída e estereotipada por um discurso machista e patriarcal. Logo, a concepção de feminino estava associada a incapacidade de ação, uma mentalidade escrava de uma anatomia que faltava alguma coisa e de um poder cultural que reprimia as mulheres do século XIX. (FREIRE, 2011, p. 8).

As mulheres do século XIX que ousaram transgredir as regras da sociedade e se denominavam cultas eram tratadas com indiferença, sua ousadia incomodava, pois, ir além dos discursos que lhe era imposto alterava sua feminilidade, descaracterizando sua realidade para época.

Desta maneira, os valores morais e os preceitos determinavam o lugar da mulher como forma de silenciá-la e coagi-la para seguir os princípios considerados corretos da sociedade, a moralidade era uma regra que definia um lugar íntegro e bem aclamado no meio social, infringir estas regras desclassificou sua essência feminina.

Conforme Vaquinhas (2000) ao falar sobre a instrução feminina nos séculos XIX e XX:

[...] indo também ao encontro de um sentir popular que troçava da mulher culta e a identificava com as “sabichonas ridículas e pretenciosas”. O provérbio português “Burra que faça him e mulher que saiba latir não quero para mim” traduz, melhor do que muitas palavras, a reprodução social de que era alvo a mulher que ousava transcender os horizontes culturais impostos pelo seu tempo. O próprio historiador Oliveira Martins não escapou a esta vaga de fundo, satirizando a *intelectual* que definia como “um virago de cabelo curto, e óculos, vestido pardo e sólidas botifarras, sobraçando rimas de livros”, ou seja, como a antítese da feminilidade, tal como esta era entendida no século XIX. (VAQUINHAS, 2000, p. 95).

A posição das mulheres em locais públicos sempre foi problemática, a ideia de liberdade ou igualdade feminina eram temidas pelo sexo masculino, os discursos que impunham moralidade ditavam o papel da mulher na sociedade, e isso muitas vezes anulava a identidade feminina excluindo arquivos produzidos por elas, pois sua presença é apagada prevalecendo assim, apenas a perspectiva do masculino sobre o feminino.

De acordo com Perrot (2007), há diversos discursos que colocam a mulher como o sexo inferior em relação ao sexo masculino, demonstrando sua inferioridade e sua sujeição, caracterizando a mulher como uma ameaça à coletividade e, contextualizando para a contemporaneidade, apresenta assim o discurso ideológico que constitui e valida a história das mulheres.

De acordo com o ponto de vista de Foucault: “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 1999, p. 10), permite refletir sobre o estatuto do sujeito na sociedade, principalmente o estatuto da mulher, neste caso, o sistema é preestabelecido de acordo com o contexto e determina o estatuto do sujeito no sujeito e o seu papel. Os papéis atribuídos à obediência e supressão das mulheres continuam válidos e ainda são considerados a chamada "verdade".

Portanto, a concepção de discurso de Foucault relata o discurso como uma forma de controle que penetra na sociedade por meio do poder e da culpa, o que demonstra historicamente as instituições preestabelecidas impostas ao sujeito.

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1999, p. 8-10).

A relação de sentido do sujeito é determinada pela interpretação afetada pela língua com a história, de acordo com Orlandi (2007), pois é a condição ideológica que constitui o sujeito através do tempo, sendo assim a língua está ligada exterioridade, à história e ideologia. A autora faz uma descrição das perspectivas da interpretação, do sentido e da língua, demonstrando que o sujeito por meio da sua formação histórica e ideológica constitui o discurso.

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação com a exterioridade: não há discurso sem o sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua, pelo processo que acabamos de descrever. (ORLANDI, 2007, p. 47).

Podemos dizer que as relações e as posições que o sujeito assume na sociedade é um afrontamento que vai além do discurso imposto a ele, para se descobrir e enfrentar as verdades e lutar por aquilo que quer ser. Com isto, o sujeito rompe os paradigmas tradicionais e cria seu próprio ambiente, arcando com as consequências e defrontando sua realidade.

Segundo Orlandi (2007), o sujeito está submetido a um discurso irreal em que a ideologia outorga a autonomia e a liberdade do indivíduo, de forma justa e transluzente, dando ao sujeito uma ilusão de controle e poder sem que ele perceba o quanto está assujeitado ao sistema ideológico, que determina e seleciona seus próprios discursos e comportamentos. Sendo assim, Orlandi dirá que:

Submetendo o sujeito mas ao mesmo tempo apresentando-o como livre e responsável, o assujeitamento se faz de modo a que o discurso apareça como instrumento (límpido) do pensamento e um reflexo (justo) da realidade. Na transparência da linguagem, é a ideologia que fornece as evidências que apagam o caráter material do sentido e do sujeito. (ORLANDI, 2007, p. 51)

Assim sendo, o sujeito não se encontra liberto integralmente, pois ele é constituído pela ideologia que o impõe padrões/ normas e especifica sua integridade moral e social por meio da linguagem, ou seja, a ideologia designa as ações do sujeito sem que ele perceba o quanto está constituído por ela, fazendo-o idealizar sem considerar sua própria realidade, devido a um discurso desanuviado e legítimo.

Nessa constituição de sujeitos e de sentidos, apresenta-se a obra *Orgulho e preconceito*.

Jane Austen e *Orgulho e preconceito*

Jane Austen é afamada pelas coletâneas: *Northanger Abbey* (1803), *Razão e Sensibilidade* (1808), *Orgulho e Preconceito* (1813), *Emma* (1815), *Mansfield Park* (1818) e *Persuasão* (1818). Desse modo, a autora foi a primeira romancista moderna da literatura inglesa do século XIX, seus livros evidenciam um novo olhar sobre a imagem feminina e o papel da mulher na sociedade, buscando assim, novas perspectivas do papel social atribuído ao sexo feminino de sua época, ou seja, suas personagens apresentam características bem-humoradas e sarcásticas que rompem regras sociais de conduta e moralidade consideradas inaceitáveis e gravíssimas para uma jovem daquele período.

Bem como afirmam Pacheco e Souza (2011):

Os dois romances de Austen, *Orgulho e Preconceito* e *Emma* são excelentes exemplos de como alegremente Austen recusa o silêncio e posição da mulher na sociedade. Com a ajuda da questão do sujeito e estilo desses dois romances, Austen questiona o lugar do homem e mulher na sociedade. A autora estabelece um nível de ironia utilizando convenções inglesas do dia-a-dia como recurso do seu romance, tais como lugar econômico e educacional da mulher. Além de criar personagens que refletem cada faceta da sociedade ou das convenções daqueles dias. Portanto, questões sobre a passividade da mulher têm papel significativo nos diálogos que incluem discurso irônico. (PACHECO e SOUZA, 2011, s/p.)

Orgulho e Preconceito é uma obra com narrativa peculiar em que as virtudes e os bons modos da sociedade são questionados pela personagem Elizabeth, principalmente no que se refere aos direitos e posições em que a mulher era submetida e menosprezada pelo/no social.

O enredo de *Orgulho e preconceito* gira em torno da protagonista Elizabeth Bennet (Lizzy), sendo ela a segunda filha do casal Mr. e Mrs. Bennet, suas irmãs Jane, Kitty, Lydia e Mary também compõem a história. Sendo assim, o trecho se passa na zona rural no interior da Inglaterra com o advento de dois jovens (Sr. Bingley e Sr. Darcy), bem-sucedidos, que mexem com o ânimo da pacata cidade da zona rural a deixando agitada, e vendo nestes dois homens de classe nobre uma oportunidade vantajosa para casar as filhas, já que a família Bennet não possuía filhos herdeiros, pois as mulheres não eram permitidas a herdar bens ou propriedades, apenas os filhos homens.

O romance se inicia com a aproximação do Sr. Bingley da Sra. Jane, porém uma das irmãs do Sr. Bingley se opõe ao possível relacionamento de Bingley e Jane,

porque pelo ponto de vista da Sra. Bingley e do Sr. Darcy, a classe social dela era inferior à dele, e isso ocasionou um conflito, já que Elizabeth defende sua irmã, que por sua vez passa a conhecer o Sr. Darcy e o julga em um primeiro momento arrogante, presunçoso e o rejeita, julgando-o desprovido de afeto.

A relação de Darcy e Lizzy é marcada pelo preconceito, atração, ímpeto, ira, ou seja, uma mistura de sentimentos e sensações complicadas de explicar, de expressar e definir, se é amor, mágoa, raiva, ódio, causado pelos mal-entendidos entre os protagonistas Darcy e Elizabeth que só são resolvidos ao final da trama com o casamento dos dois.

É apresentado no prólogo do livro um diálogo de que um homem-feito solteiro e afortunado necessita de uma esposa, neste trecho é nítido o jogo de ironia usado pela autora Jane Austen, que faz uso de seu bom senso para impactar o leitor levando-o a ponderar sobre diferentes assuntos/modos de condutas e moralidade impostas pela sociedade do século XIX especificamente para mulheres, do qual se esperava subordinação, respeito.

Dessarte, a narrativa do romance de Austen é composto por uma linguagem cômica e satírica que expõe os costumes da vida social de seu tempo, permitindo que a personagem Elizabeth seja obstinada, autêntica, perseverante, e tenha “voz” própria e idealize uma nova perspectiva de vida fora das convenções sociais e morais, isto é, afirmando na adaptação *Amor e Inocência* (2007) dirigido por Julian Jarrold, baseada na biografia de Jane Austen que exterioriza sua comunidade da época em que os direitos femininos eram desfavorecidos, e ridicularizava à mulher erudita/ cultuada que ousasse transgredir os limites imposto a ela, está a qual incumbia maneiras e prudências, como é evidenciado em uma fala do reverendo “Se por acaso a mulher tiver alguma superioridade, por exemplo mente profunda melhor mantê-la em profundo segredo.” (JARROLD, 2007).

Sendo assim, Pacheco e Souza aludem que:

A expressão da identidade feminina nos romances de Austen não é somente atingido pelo humor e pela comédia mas, é estabelecido também por uma visão irônica na qual Austen crítica o lugar secundário da mulher na sociedade. As convenções diárias e requisitos sociais do tempo de Austen subestima o poder feminino que a escritora satiriza com sua talentosa linguagem irônica. Desse modo os leitores são provocados a pensar sobre as atitudes da mulher do século XVIII inglês. (PACHECO e SOUZA, 2011, s./p).

Nesse íterim, é iminente inferir que a partir do olhar de Austen na obra *Orgulho e preconceito*, de 1813, surgiram adaptações que especifica ideologias em épocas diferentes, revelando a condição da mulher no meio social como sexo inferior expressando-se na linguagem sátira as inquietações que permeiam o universo feminino.

Assim, as narrativas consolidadas intensificam nas obras cinematográficas o papel da mulher enquanto sujeito a ser manipulada por uma hierarquia, alternando o sentido conforme a época, em que os personagens lutam por ideais que desejam concretizar, cujo, objeto de estudo é a análise comparada da obra literária com a obra cinematográfica para averiguar as relações se sentidos presente nas obras.

Literatura e cinema: as adaptações

As obras de Jane Austen são extremamente envolventes, é impossível não se apaixonar por suas personagens e não interagir com os protagonistas do enredo, de modo igual, com os conflitos e a multiplicidade de sentimentos que enlouquece os leitores e dá sentido à obra, mostrando de uma maneira sutil e divertida as imposições da época a classe feminina.

De acordo com Compagnon:

A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos. (COMPAGNON, 1950, p. 47).

A literatura e o cinema são artes com simetrias e funcionalidades diferentes que colocam em evidencia a subsistência humana, impactando o indivíduo e a humanidade, ou seja, o literário pode modifica o olhar do leitor sobre o mundo despertando comoções através da linguagem, de metáforas utilizando o imaginário para descrever o espaço de tempo da narrativa, permitindo que o leitor vivencia experiências que fogem de sua realidade; enquanto o cinematográfico transforma a visão de mundo do sujeito fazendo uso da ótica por meio de lentes, câmeras modificando o espaço da narrativa conforme a linguagem de seus telespectadores na tentativa de adaptá-la para aproximá-los o máximo possível de suas obras fílmicas.

Conforme Milanez e Bittencourt (2012, p. 10), há uma materialidade da língua, que ocorre na relação com os sujeitos e sentidos, pois “[...] corpo e letra do sujeito é que dão os contornos da materialidade da língua.” Pensando nessa relação, os autores refletem sobre o discurso fílmico que se constituem em diferentes materialidades, além a da língua, pois pode

[...] se estender a domínios do não-verbal como as imagens fixas (publicidade, fotografia, pintura, história em quadrinhos, o desenho da criança pregado na geladeira...) e imagens em movimento (cinema, televisão, vídeos, produções de imagens em celulares...). A materialidade, então, não é homogênea como também não são seus suportes. (MILANEZ; BITTERCOURT, 2012, p. 10).

Da mesma forma, a literatura materializa sujeitos e sentidos em sua forma de escrita. Compagnon (1950) afirma que:

A literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelos às emoções e à empatia. Assim, ela percorre regiões da experiência que os outros negligenciam, mas que a ficção reconhece em seus detalhes. (COMPAGNON, 1950, p. 50).

Nessa perspectiva, percebemos que ambas artes exercem papéis essenciais para a humanidade e que juntas desconstroem conceitos e afirmam sua permanência no mundo, por meio de vivências e experiências do passado que se reformulam no presente, na tentativa de trasmudar sentidos cristalizados.

Destarte, o literário e o cinematográfico desempenha funções capazes de inverter o processo ideológico onde as ideias instituídas e ditas como verídicas são corrompidas pelo sujeito e atribuídas como inverídicas transfigurando passado, presente e futuro para humanizar e libertar do convencionalismo estipulado pelo sistema patriarcal como apresentados nas obras tanto fílmica quanto literária, ou seja, o processo de desconstrução de ideias imposto pela sociedade do século XIX com relação a mulher tida enquanto sujeito indiferente e impotente de idealizações.

Desse modo, as sutilezas e as emoções das obras de Austen não passaram despercebidas aos olhos de cineastas, e logo foram transformadas em adaptações fílmicas, minisséries, entre outros; ganhando, novos admiradores e novas adaptações de suas obras, alterando o enredo e evoluindo conforme a atualidade ou

período, sendo assim, apresentamos agora algumas versões/ adaptações das obras de Austen.

A Adaptação *Amor e Inocência* de (1940) marca um tempo de moralidade e virtude inspirado na vida e obra de Jane Austen, busca retratar e defender o amor não na aparência mercadológica. Outrossim, o envolvimento da personagem Jane com o estudante de direito superando as condições integradas na sociedade, pois eles fogem para compreender os sentimentos, porém as regras sociais os impedem e não dá certo, e isso torna sua motivação e inspiração para escrever inúmeros livros.

Orgulho e Preconceito (1940) é uma adaptação cinematográfica inspirada na obra de Jane Austen, com cenas em preto e branco, o filme aborda de maneira sólida e com sátira o bom senso de Austen sobre questões financeiras e casamento. Em que, a única preocupação da mãe de cinco filhas gira em torno de um matrimônio “benéfico” para as filhas, a longa-metragem, portanto, um romance de Austen apresentado pela primeira vez em uma adaptação fílmica, de origem América EUA dirigida por Robert Z. Leonard.

Perdido em Austen (1995), é uma minissérie de quatro capítulos em que a protagonista é uma inglesa do século XXI que é apaixonada pelo livro “Orgulho e Preconceito” que acaba se transportando para dentro o mundo do livro, enquanto a personagem Elizabeth sai para o mundo exterior fora do livro. Desse modo, é acarretado uma desordem nos dois mundos, fazendo as personagens vivenciarem costumes e sentimentos diferentes, mas por ambas desejadas.

Orgulho e Preconceito: uma comédia moderna (2003) é uma adaptação fílmica de Andrew Black (III), baseada no homônimo de Austen, apresenta a protagonista Elizabeth independente e perseverante que luta pelas suas convicções e ideias na tentativa de publicar seu livro, apesar de contravenções sociais que impõem a ela designações moralistas. Contudo, o humor de Austen permanece nos personagens da longa-metragem em uma comédia crítica dos dias atuais na tentativa de reverter os ideais sociais da época na modernidade.

Na adaptação de 2005 de *Austenlândia*, a protagonista Jane Hayes é deslumbrada pelas obras da autora Austen e principalmente pelo Sr. Darcy do livro “Orgulho e Preconceito” e isso a faz afastar todos os homens a sua volta por acharem imperfeitos. Sendo assim, ela é presenteada com uma viagem para um resort, onde a

sua fantasia em conhecer um cavalheiro perfeito é realizada, fazendo assim, com que seu mais profundo desejo se tornasse realidade.

A clássica obra de Jane Austen intitulada como *Orgulho e Preconceito* publicada em 1813 foi um motivador o romance policial produzido pela escritora P. D. James, “*Death Comes to Pemberley*”, tornando-se depois uma minissérie homônima de Daniel Percival em 2013, composta em três capítulos fornecidos pela BBC One. Sendo assim, a obra literária e cinematográfica de origem Grã-Bretanha e Irlanda Norte dá continuidade ao enredo do casamento dos protagonistas, Sr. Darcy e Sra. Elizabeth após seis anos se passarem, modificando o romance em um drama policial, devido a misteriosa morte de Wickham,

Provavelmente haverá outras obras e adaptações cinematográficas baseadas nas obras de Austen, como o livro de Seth Grahame-Smith (2009), *Orgulho e preconceito e zumbi*, que mantém a narrativa de Austen, acrescentando o zumbi e adaptando a partir disso, com filme homônimo lançado em 2016; e ainda *O Diário de Bridget Jones*, da autora Helen Fielding (1996) com uma versão fílmica em 2001; mas focamos que esses exemplos mostram o alcance e efeito dos livros de Austen na contemporaneidade, permitindo que outros sentidos sejam produzidos a partir desta autora do século XIX.

O filme em comparação com o livro: análise da discussão entre Darcy e Elizabeth

Orgulho e preconceito (2005) é um filme dirigido por Joe Wright, alicerçado na obra homônimo de Jane Austen, com roteiro de Deborah Moggach, composto pelo elenco: Keira Knightley; Matthew Macfadyen; Brenda Blethyn; Donald Sutherland; Rosamund Pike; Jena Malone; Tom Hollander; Penolope Wilton; Judi Dench.

Nesse filme, o enredo descreve a burguesia do século XIX, apresentando a condição das mulheres que precisam/devem se casar para manter as aparências/o nome da família diante a elite, caso o pai viesse a falecer. Desse modo, no filme, a Sra. Bennet estima que suas filhas se matrimoniarem com rapazes abastados, e isso torna uma obstinação intensa para a mãe de Elizabeth conseguir um bom casamento para as cinco filhas.

Os personagens Darcy e Elizabeth protagonizam, no filme, o orgulho e o preconceito deixando escancarado a presunção e o prejulgamento que fazem um do outro, tornando assim, perceptível as divisões sociais de posições, valores entre homem e mulher, no qual é imposto pela ideologia os deveres e seu lugar na sociedade. Destarte, a personagem Lizzy (Elizabeth) infringe as regras da sociedade como forma de se libertar das concepções idealistas validadas naquele momento, por isso, suas inquietações a fizeram ser vista como uma mulher forte que se sobrepõem aos preceitos de seu tempo.

Observamos da obra cinematográfica à obra literária perante duas perspectivas distintas de *Orgulho e Preconceito* com relação de sentidos entre o filme e o livro, focado na declaração de Sr. Darcy à protagonista, a Sra. Elizabeth Bennet (Lizzy).

Em vista disso, expomos que a adaptação fílmica e o livro de *Orgulho e preconceito* caracterizam distinções entre o cenário, a ambientação e a descrição de enunciado, além de, representar de maneira transitória os seus personagens ativos cuja, personalidades são pautadas no caráter e em sentimentos abstratos desordenados e contraditórios colocando-os em diferentes circunstâncias tanto no filme quanto no livro.

Na adaptação fílmica, observamos a sequência de cena projetada na declaração de Darcy a Elizabeth revelando seus mais temidos sentimentos, tentando pôr fim a sua agonia. Nesse panorama, percebemos a tensão existente entre os dois personagens como também o manejo da câmera intercalando de acordo com a fala e o comportamento de cada um, impactado desta forma na paisagem ao ar livre em que a tempestade que cai no momento da revelação de amor podendo ser comparada ao sentimento confuso de ambos nesta contracena, em que cada minuto tem um tempo estabelecido para dar continuidade ao roteiro do filme, pois são o som, as imagens, lugar, os personagens, a chuva, que se imbricam produzindo efeitos de amor e de ódio que constitui os personagens, nessa cena romântica e dramática, produzindo uma composição fílmica, pois,

O batimento estrutura/acometimento referido a um objeto simbólico materialmente heterogêneo, requer que a compreensão do acontecimento discursivo seja buscada a partir das estruturas materiais distintas em composição. [...] Ou seja, a imbricação material

se dá pela incompletude constitutiva da linguagem, em suas diferentes formas materiais. (LAGAZZI, 2009, p. 68).

Nessa composição, os sentidos são produzidos no leitor/telespectador, ao mesmo tempo direcionando sua interpretação, mas permitindo que outros sentidos sejam produzidos.

Já em comparação à obra literária, a cena ocorre após Elizabeth saber pelo coronel Fitzwilliam primo de Darcy, que ele foi o responsável pela infelicidade de sua amada irmã Jane, estando ela só na sala da Sra. Collins, onde Darcy expõe seus mais sinceros sentimentos atribuídos à Lizzy com a finalidade de se ver liberto dessa agonia apesar da inferioridade social dela, ou seja, a descrição na fala dos protagonistas no livro é mais extenso, no qual, as comoções dos personagens são mais explícitas e não sendo necessário imagens para exibir as feições de cada um, diferindo assim, da obra cinematográfica em que as palavras não são suficientes para retratar os sentimentos do casal. A declaração de Darcy no livro desperta no leitor sensações e inquietações que o fazem se identificar com os personagens do livro, buscando-o pôr fim aos equívocos e apreciações em que os personagens se encontram, sendo assim, bastante improvável verificar nos protagonistas tais sentimentos que os definem.

Focamos mais ainda na cena fílmica. A cena, em sua composição visual, apresenta Darcy e Elizabeth, Darcy vai atrás de Elizabeth, e os dois molhados pela chuva, começam uma discussão.

Na cena há um jogo de câmeras entre os protagonistas que ocasiona uma interação romântica em que a chuva significa modificação, libertação dos seus sentimentos, instituindo assim, o confronto entre os personagens. Desse modo, o jogo de posicionamento de câmeras junto a chuva e o distanciamento dos personagens, evidenciam o romantismo através das expressões faciais ocasionando assim, a sensação de liberdade, através da expressão do desejo que ambos sentem, mas, ao mesmo tempo, tentam refutar. Abaixo apresentamos as formulações verbais desta cena:

Darcy: Senhorita Elizabeth.

Darcy: Venho lutando em vão e não mais posso suportar, esses meses passados tem sido um tormento, vim a Rosings com o objetivo de vê-la. Tinha que vê-la.

Darcy: Luto contra o meu bom senso de expectativas de minha família e a inferioridade de seu nascimento, minha posição e essas

circunstâncias, mas estou disposto a colocá-las de lado e pedir que dê um fim na minha agonia.

Elizabeth: Eu não compreendo.

Darcy: Eu a amo.

Darcy: Ardentemente.

Darcy: Dê-me a honra de aceitar minha mão.

252

A partir da fala do personagem Sr. Darcy observamos as condições sociais impostas à mulher colocando-a em uma situação constrangedora, produzindo assim, um discurso baseado em um indivíduo machista que favorece apenas seus ideais, princípios colocando-o sempre em primeiro lugar seus sentimentos, desejos e necessidades individualistas, porque assim está acostumado, assim é, assim funciona. Assim, é estabelecido na fala do protagonista Darcy um discurso ideológico marcado com regras e imposições que a atribuem a personagem Elizabeth como sexo inferior que deixa de lado suas próprias inquietações e opiniões podendo apenas falar quando lhe fosse permitido, devido aos preceitos da sociedade.

Apenas no final de sua fala, a declaração se concretiza: “Amo-a. Ardentemente”. Segundo Orlandi (1990), o discurso de amor e a fórmula eu-te-amo não se compatibiliza, pois é a contradição que dá origem ao discurso de amor projetando a percepção de significar como forma de enunciar uma imensidade de conceitos e vivenciar a multiplicidade de sensações, sentimentos e comoções incógnitas, a que não sabemos nomear.

O discurso de amor seria um discurso que se promete e que ao se cumprir, se nega como tal. no seu horizonte mesmo de possibilidade, ele se projeta no impossível. O eu-te-amo projeta um sentido que fica sempre no horizonte.

Nesse discurso, a contradição não é apenas um princípio geral, como o é para os discursos em geral, mas um modo de significar. (ORLANDI, 1990, p.77)

A subsequência de cenas selecionadas denota a materialidade do movimento da câmera mediante os contornos contraditórios nas expressividades de enunciação do discurso dos personagens, devidamente às trocas de enquadramento do ângulo da câmera em relação aos protagonistas. Posto isto, as imagens mostram o desentendimento que incluem a posição social, o orgulho, a imodéstia, e o egoísmo de ambos, em que Sr. Darcy declara-se a Lizzy a fim de aliviar seus sentimentos de angústia que procede em discordâncias das expectativas de sua família, sobrepondo

o bom senso que o rege e aceitar sua inferioridade social para dar fim ao seu sofrimento, porém, é rejeitado pelo orgulho e empoderamento de Elizabeth, devido a obscuridades dos fatos desconhecidos e expostos por Sr. Wickham, condenado pelas discrepâncias familiares cujo os conflitos são tolhidos pela pertinácia e increparão de cada um. Percebemos claramente, na fala dos personagens na sequência:

Darcy: Essa é a sua resposta?

Elizabeth: Sim, senhor.

Darcy: Está rindo de mim?

Elizabeth: Não.

Darcy: Está me rejeitando?

Elizabeth: Eu sei que os sentimentos, que como me disse prejudicaram o seu bom-senso, vão ajudá-lo a superar.

Darcy: Posso perguntar por que com tão pouco esforço assim me repele?

Elizabeth: E posso igualmente indagar o porquê com tão evidente intenção de me insultar escolheu dizer que gosta de mim apesar do seu bom-senso.

Darcy: Não. Acredite em mim

Elizabeth: Se sou inadequada então essa é uma desculpa, mas eu tenho outras razões, mas o senhor sabe que eu tenho.

Darcy: Que razões?

Elizabeth: O senhor acha mesmo que eu poderia aceitar o homem que arruinou talvez para sempre a felicidade de uma irmã muito amada?

Elizabeth: O senhor nega, Senhor Darcy?

Elizabeth: Que o senhor separou um jovem casal que se amava expondo o seu amigo a censura de seu mundo de capricho e a minha irmã ao escárnio das esperanças desfeitas e envolvendo ambos na miséria da pior espécie.

As formulações visuais e verbais traçam uma expectativa de confissão de sentimentos confusos e declarações formais, em que os sentidos da palavra *amor* representa para os personagens Darcy e Elizabeth um misto de sentimentos discrepantes que envolvem contradições desejos, poder pautadas em status sociais, valores morais que determinam seus comportamentos e ditas as normas pelas quais devem seguirem para não ferir a integridade da família. Desse modo, é perceptível que o atrito apresenta a contradição na fala dos protagonistas no momento em que Sr. Darcy diz à Lizzy que a ama, e depois que ela o rejeito, fica sem compreender, pois nunca pensou que ela poderia rejeitas, pois, o objetivo das mulheres era realizar um bom casamento. Enfatizado, quando remete à condição social de Elizabeth e sua família:

Darcy: Medissem as excitações quanto a nossa relação.

Darcy: Esperava que eu me regozijasse com a inferioridade de suas circunstâncias.

Elizabeth: São essas as palavras de um cavaleiro.

Elizabeth: Desde o momento que eu o conheci toda arrogância e prevenção todo desdém egoísta pelo sentimento dos outros me fizeram compreender que o senhor era o último homem na face da terra com quem eu poderia pensar em me casar.

Darcy: Perdoe-me madame por fazê-la perder o seu tempo.

Segundo Orlandi (1990), no discurso de amor é inevitável vivenciar a insignificância da superfluidez de palavras, pois os sentidos, sensações, silêncio e murmúrios são expressados através do discurso de amor, rompendo assim, paradigmas e horizontes a fim de significar. Desse modo, falar sobre amor aparenta ser muito mais simples e espontâneo, ou seja, os discursos envolventes permitem e produzem a troca de experiência que dá a possibilidade de um novo olhar de uma nova perspectiva, deixando em evidência o processo de significação a partir da problemática ocasionada pela descontinuidade da fala amorosa.

Considerações finais

A partir do filme cinematografado de *Orgulho e preconceito* (2005) e do livro literário de 1813, observamos que o discurso de amor apresentado em ambas obras expressam a ideologia patriarcal e hierárquica do século XIX, em que a mulher era resguardada e impelida de idealizar seus interesses, anseios e expectativas, devido ao sistema convencional instituído. Além disto, os discursos presentes nas obras colocam os protagonistas Darcy e Elizabeth em cenários divergentes, em que o homem é tido pela sociedade como benfeitor, e a mulher vista como insignificante/fútil refém de um discurso *viril*, que determina ao sexo feminino, submissão e incumbência.

O detalhamento da fala amorosa de Sr. Darcy a Sra. Elizabeth em *Orgulho e preconceito*, tanto literário quanto cinematográfico, aduzem os discursos patriarcais conservadores do século XIX, principalmente no que diz respeito ao papel feminino representado pela personagem Elizabeth Bennet que assume relutante às ideias da época. No entanto, suas ações e falas a colocam-na em contradição, pois mesmo que ela não aceite e não concorde com o discurso hierárquico, ela é determinada pelas suas condições de produção.

Em outras palavras, o estudo nos mostra que Elizabeth Bennet está sujeita ao conservadorismo social do século XIX, no qual, o lugar de fala é censurado e as atitudes julgadas. Sendo assim, fica evidente que no momento da declaração de Sr. Darcy, a personagem Sra. Elizabeth procura resguardar suas ações, não abrindo mão da sátira para expressar seus sentimentos e se defender dos insultos e ofensas que lhe são atribuídos, ou seja, ela não deixa de lado seu orgulho, assim como Darcy não abre mão de sua vaidade, prepotência e insolência.

Nesse sentido, a AD contribui para a exterioridade da linguagem de sentido, nos tornando possível notar que a declaração de Darcy equivale a condições de produção ideológicas regida por um discurso moralista e patriarcal, que condiciona e determina o lugar da mulher na sociedade através de regras e limitações.

O nosso objeto de estudo, sobre os discursos que se alteram conforme o desfecho de tempo e espaço, tanto na narrativa literária de Jane Austen (1813), quanto na obra cinematográfica de Joe Write (2005), são capazes de despertarem reflexões e a multiplicidade de sentimentos, apresentando as desventuras que a mulher era submetida para obedecer ou para aceitar uma situação que lhe era imposta no século XIX.

Em síntese, a obra cinematográfica juntamente à obra literária de *Orgulho e Preconceito*, por mais distintas que possam parecer, indica uma aproximação das falas dos personagens com o ambiente em uma tentativa de aproximar o público-alvo com a obra, ou seja, existe um pressuposto em atingir o leitor da narrativa quanto o espectador ao roteiro. Logo assim, é notório ressaltarmos que através de duas perspectivas diferentes tanto a obra adaptação quanto o livro podem exprimir relações de sentidos diversas que apesar dos pontos de vista diferenciados imbricam um ao outro, tornando ambos cativantes e envolvente tanto na produção das imagens do filme quanto no enredo da obra literária e assim produzindo seus efeitos.

REFERÊNCIAS

CAMPAGNON, Antoine. 1950. *Literatura para quê?* / Tradução de Laura Taddei Brandini. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. 57p. (Babel)
Disponível: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/121535/mod_resource/content/1/LITERATURA%20PARA%20QU%C3%8A.pdf Acesso em 12 de setembro de 2021.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 5. ed. 1999.

FREIRE, Luana Justino. *Representações paradoxais do feminino no século XIX: uma análise comparativa entre Orgulho e preconceito, de Jane Austen e Tess, de Thomas Hardy*. - Guarabira: UEPB, 2011. 23f. Disponível: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1443/1/PDF%20-%20Luana%20Justino%20Freire.pdf>. Acesso em: 30 março. 2021.

JARROLD, Julian. *Amor e inocência*. Roteiro. Kevin Hood, Sarah Williams. Elenco: Anne Hathaway, James McAvoy, Julie Walters, James Cromwell, Maggie Smith, Joe Anderson, Lucy Cohu, Laurence Fox, Anna Maxwell Martin, Leo Bill, Jessica Ashworth, Christopher McHalle, Ian Richardson, Alan Smyth, Sophie Vavasseur, Fayer Sewell, Helen McCrory, /Miramax Films, 2007.

LAGAZZI, Suzy. O recorte significativo da memória. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MIITMAN, Solange. *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. 1. ed. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 67-78.

MILANEZ, Nilton; BITTENCOURT, Joseane Silva. *Materialidades da imagem no cinema: Discurso fílmico, sujeito e corpo em a Dama de Ferro*. Vol. 17, n. 2 – julho a dezembro de 2012, Revista Movendo Ideias ISSN: 1517-199x Disponível: <http://revistas.unama.br/index.php/Movendo-Ideias/article/view/631> acesso em: 12 de setembro de 2021.

MILANEZ, Nilton. *Discurso e imagem em movimento: o corpo horrífico do vampiro no trailer*- São Carlos: Claraluz, 2011, p. 11 - 91

ORGULHO E PRECONCEITO. Joe Wright et.al. Intérpretes: Keira Knightley, Matthew Macfadyen, Brenda Blethyn, Donald Sutherland, Rosamund Pike, Jena Malone, Tom Hollander, Penelope Wilton, Judi Dench. Londres/Nova York: Working Title Films/Universal Studios, 2005.

ORLANDI, Eni L. P. Palavra de amor. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 19, p. 75–95, 1990. DOI: 10.20396/cel.v19i0.8636827. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636827>. Acesso em: 25 maio. 2021.

ORLANDI, Eni. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

PACHECO, Mara Regina; SOUZA, Fernandes Ferreira. A representação o da voz feminina nas personagens centrais de Austen em Emma e Orgulho e preconceito. *Revista Ave Palavra*. Ed. 11, 2011. Disponível: https://revista.unemat.br/avepalavra/EDICOES/11/artigos/Jane_Austen_Voz_Feminina.pdf. Acesso em: 21 abril. 2021.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Trad. Angela M.S. Correia. São Paulo: Contexto, 2007.

VAQUINHAS, Irene. *Os caminhos da instrução feminina nos séculos XIX e XX. Breve relance*. Ed. Câmara Municipal de Torres Vedras / Instituto de Estudos Regionais e Municipalismo Alexandre Herculano. 2000. *Turres Veteras III, Actas de História Contemporânea*. Disponível: <http://hdl.handle.net/10316/36891>. Acesso em: 30 março.2021.